

<https://doi.org/10.21747/21836671/pag17a1>

Resumo: Discorre sobre a potencialização da serendipidade no processo de busca por informação em ambientes digitais no paradigma pós-custodial da Ciência da Informação. Resulta de uma pesquisa exploratória e bibliográfica. Encontrou como resultado a possibilidade e a potencialidade da Epistemografia Interativa como prática ética e universal para representar e organizar itens informacionais a partir da participação dos usuários do sistema de recuperação de informação tanto como classificador quanto usuário. Enfoca a perspectiva de itens informacionais classificados a partir de pessoas com visões de mundo diferentes em detrimento de uma pequena parcela de autoridades científicas. Conclui que a construção do conhecimento coletivo e plural, com a participação ativa dos pesquisadores da informação, bem como a potencialização da serendipidade no processo de busca por informação, cabe como pesquisa no campo da Ciência da Informação.

Palavras-chave: Ciência da Informação; Epistemografia Interativa; Ética da Informação; Selo Postal.

Abstract: Discusses the enhancement of serendipity in the process of searching for information in digital environments in the post-custodial paradigm of Information Science. It results from an exploratory and bibliographic research. As a result, it is founded the possibility and potential of Interactive Epistemography as an ethical and universal practice to represent and organize information items based on the participation of the information retrieval system user, both as classifier and user. It focuses on the perspective of informational items classified from people with different worldviews to the detriment of a small portion of scientific authorities. It concludes that the construction of collective and plural knowledge, with the active participation of information researchers, as well as the enhancement of serendipity in the process of searching for information, fits as research in the field of Information Science.

Keywords: Information Science; Interactive Epistemography; Information Ethics; Postage Stamp.

1. Introdução

A epistemografia interativa, a partir da prática da desclassificação, é uma proposta de participação da comunidade pesquisadora para a constante classificação de conceitos e itens informacionais, promovendo a captação de pensamentos diferentes dos que foram utilizados nas classificações iniciais. Desse modo, amplia as possibilidades de encontrabilidade da informação, uma vez que pensamentos outros podem ser inseridos no contexto da recuperação da informação.

Encontrar informação nem sempre é tarefa fácil, principalmente se o pesquisador não tem definição clara do que procura. O não encontro causa frustração e sensação vaga por entre uma infinidade de *bits* possíveis, acarretando no que Richard Wurman chamou de certa ansiedade da informação “causada pela distância cada vez maior entre o que compreendemos e o que achamos que deveríamos compreender. É um buraco negro

existente entre os dados e o conhecimento, que aparece quando a informação não diz o que queremos saber” (WURMAN, 2005:14).

Esse autor também aponta que uma das principais causas dessa ânsia informacional é a forma de organização e representação tradicional da informação, baseada na classificação principalmente hierárquica e autoritária, possibilitando ao usuário pesquisador apenas recuperar informação controlada, classificada e organizada por outro, assim desconsiderando toda intencionalidade de busca (experiências, visão de mundo, etc).

Nesse sentido, Garcia Gutierrez (2006) aponta os malefícios causados por classificações ditadas apenas por pessoas habilitadas para definir termos e conceitos que caracterizem e identifiquem o item informacional, por exemplo, num repositório digital. O autor apresenta crítica aos pensamentos epistemológicos positivistas que propõem a universalização de conceitos, uma vez que, para o autor, os itens classificáveis devem ser percebidos por meio dos pontos de vistas de diversas culturas, pensamentos ideológicos e políticos, evitando exclusão de conhecimentos considerados subalternos ou marginais.

Ora, informações classificadas e indexadas a partir de autoridades estabelecidas cientificamente (pessoas imputadas à tarefa de organização da informação) carregam, propriamente, tudo aquilo que, apesar de ser relevante ao discurso hegemônico, tanto em quantidade quanto em qualidade, é silenciado, negado e esquecido.

Pois bem, García Gutiérrez (2006; 2011; 2014), consideradas as suas perspectivas similares e em distintos escritos ao longo dos últimos 15 anos, apresenta de forma clara a necessidade de representar e organizar itens informacionais de forma dinâmica, favorecendo a interação entre pensamentos distintos na classificação de itens recuperáveis. Parte desse posicionamento corrobora com o direito de participação da maior diversidade possível da comunidade que busca, acessa e usa informação, assim, para realizar contínuas releituras e ressignificações dos objetos digitais. Para essa prática, que pode ser entendida como cooperativista, esse autor deu o nome de “Epistemografia Interativa” (EI).

Desde essa perspectiva, dois conceitos são essenciais tanto pelo que neles existe de positividade quanto pelo poder de resultado satisfatório para o usuário. A encontrabilidade e a serendipidade são, então, elementos potenciais em qualquer processo de recuperação de informação, particularmente, no ambiente digital: (des)encontrar. Aqui, desencontrar significa outra possibilidade, não pensada ou imaginada, em que alguma nova descoberta seja possível. Corrobora com essa assertiva o fato de que uma ação de intenção de quem tem certa necessidade informacional é uma característica forte e pode ser essencial quando da ressignificação dos itens informacionais recuperados ou indexados.

A Epistemografia Interativa é, então, uma possibilidade de prática ética universal, em que a participação dos usuários dos Sistemas de Recuperação de Informação (SRI) na representação e organização dos itens informacionais pode ser potencializada para novas classificações e inter-relações dos objetos disponíveis em ambientes digitais.

Com relação ao usuário especializado, mormente, pesquisadores, Mostafa, Santarém Segundo e Sabbag (2016) sugerem que pesquisar em ambientes digitais pode ser um certo tatear no escuro que possibilite o encontro com o acaso, uma possibilidade para a serendipidade: possibilitar ao pesquisador encontrar outros conhecimentos que não estavam no seu escopo, mas que servem para a sua pesquisa ou, ainda, outros contextos de sua vida. Sendo assim, práticas classificatórias tradicionais baseadas em visões de mundo

de poucos especialistas autorizados é uma forma colonizadora do conhecimento disponível, limitando o encontro e a descoberta da informação plural.

Nesse contexto, a Ciência da Informação (CI) é um campo científico que pode assumir a investigação do contexto até aqui indicado. Ela é uma área científica que “investiga as propriedades e o comportamento informacional, as forças que governam os fluxos de informação e os significados do processamento da informação, visando à acessibilidade e a usabilidade ótima” (BORKO, 1968:3).

Se nos anos 60 do século XX existia um posicionamento a favor da CI para estudar fluxos informacionais, nos anos 90, Saracevic (1995) posicionará a CI enquanto área essencialmente interdisciplinar: ela estabelece relações saudáveis com áreas como as ciências da cognição, computação e comunicação, assim, permitindo diagnósticos e prognósticos sobre, por exemplo, o excesso de dados (*big data*) ou a ansiedade informacional.

Por sua vez, no debate científico do terceiro quinquênio do século XXI, Vechiato e Vidotti (2014) identificam o estudo da encontrabilidade dentro do paradigma pós-custodial, uma vez que não negligencia a custódia, memória e preservação da informação, mas que tem como premissa o acesso e o uso dessa informação. Assim a CI busca estudar práticas e ferramentas que potencializem a encontrabilidade e, conseqüentemente, o uso (ou apropriação) da informação, principalmente, em ambientes digitais.

2. Ciência da Informação e ambientes digitais

A origem da CI como área científica remete aos problemas de volume informacional crescente a partir do final da Segunda Guerra Mundial e a necessidade de tratar, armazenar, recuperar e usar essas informações disponíveis, principalmente no meio acadêmico e científico (SARACEVIC, 1995; 1996). Apesar do longo caminho percorrido e dos avanços construídos por meio de relações interdisciplinares, a Recuperação da Informação (RI) está longe de ser um problema resolvido na CI.

Para Saracevic (1996:44) problemas tais: “Como descrever intelectualmente a informação?; Como especificar intelectualmente a busca?; Que sistemas técnicos ou máquinas devem ser empregados para a recuperação?” são perguntas ainda latentes e que aprofundam a necessidade de intercâmbio de conhecimentos com outras áreas do saber.

A recuperação da informação como viabilizadora para o acesso e uso da informação extrapola a ideia de identificação e guarda, desembocando no paradigma pós-custodial que segundo Vechiato e Vidotti (2014:5) “tem como premissa a ênfase no acesso e, portanto, os sujeitos e seus comportamentos, competências e habilidades passam a ter a importância necessária e esperada para o projeto de sistemas e ambientes informacionais”.

Os Sistemas de Organização do Conhecimento apresentam-se como formas de ordenar, representar e classificar a informação disponível a partir de unidades de conhecimento (conceitos) de modo que a sua recuperação seja mais assertiva e previsível corroborando com a perspectiva de responsabilidade social da CI apontada para a necessidade de transmissão de conhecimento como fundamentação basilar (SARACEVIC, 1996). Nesse sentido, a *Web* como espaço de construção de conhecimento colaborativo (por diferentes

peças em diversos contextos: *Web social*), se apresenta como um desafio para a Organização do Conhecimento (OC).

Por sua vez, considerado certo ambiente educacional e científico, a informação produzida é tradicionalmente representada a partir de critérios de qualidade estabelecidos por autoridades científicas, principalmente, no processo de organização da informação. Vale apontar que, essa prática acadêmico-científica faz emergir um discurso privilegiado de conhecer o mundo, práticas discursivas de autoridades atuantes no mundo científico e acadêmico, não obstante desqualificando e, até, silenciando, outros modelos de conhecimento humano.

A Recuperação da Informação num ambiente digital e global, no qual o conhecimento é produzido colaborativamente e ininterruptamente, desafia os Sistemas de Organização do Conhecimento (no contexto da CI localizada no paradigma pós-custodial). Parece existir certa demanda para prover acesso à informação produzida por pessoas com diversas visões de mundo, nos mais variados contextos, em um infinito universo informacional, no qual a busca pode se dar a partir da descoberta: serendipidade.

O processo de procurar informação em ambientes digitais, considerada a crescente quantidade de dados produzidos diariamente (um oceano de *bits*), é comumente chamado de navegação. Esse processo de navegar ao encontro de dados e informações pode coincidir, por exemplo, com aquilo que não estava, inicialmente, dentro dos requisitos de interesse do navegador. Tal desencontro informacional pode gerar frustração e percepção de nunca encontrar o que realmente se deseja, causando ansiedade e frustração. No entanto, esse mesmo processo de buscar, navegar na *Web*, pode ser um caminho de pesquisa que amplia consideravelmente o conhecimento do pesquisador diante do inesperado.

Assim, o conceito de serendipidade é paradoxal. Se por um lado não cabe neste artigo uma discussão teórica a respeito do seu sentido na literatura clássica antiga, então pelo outro vale esclarecer que aqui a serendipidade é fazer descobertas inesperadas por acidente. Consideradas estas, inclusive, como o acaso que pode resultar das práticas cotidianas de navegabilidade na *Web* na atualidade.

Conjuntamente ao problema anteriormente abordado, a definição de termos de busca, descrição e classificação informacional feita por poucos especialistas é geradora da exclusão de todos os outros conhecimentos possíveis, uma vez que quando é escolhido um pensamento todos os outros são desconsiderados.

3. Análise documentária tradicional

A CI apresenta sua vertente técnica documentária com a descrição bibliográfica (indexação, catalogação e classificação), a recuperação e o uso da informação, embora tais práticas ainda sejam rodeadas de dúvidas teóricas epistemológicas, como por exemplo: o que pode ser informativo? O que pode ser considerado informação? Quais “coisas” podem conter potencial informacional (BUCKLAND, 1991).

Apesar da escassez de certezas, sistemas de recuperação da informação vêm sendo desenvolvidos em larga escala, principalmente depois da explosão informacional

identificada nas primeiras décadas do século XIX, notoriamente, articulada com o avanço tecnológico resultante das demandas das duas grandes guerras mundiais.

Bem antes da explosão informacional, Paul Otlet já estudava o potencial informativo contido nos documentos, além da descrição bibliográfica. Mais do que isso, Otlet criou um novo conceito de documento, o qual reconhecia qualquer objeto, fato ou impressão como informativo, assim fundando um campo que não só trataria da organização de documentos como fonte de informação, mas como entendimento da informação contida nesses itens. (RAYWARD, 1997). Logo, a identificação de conteúdo dos itens informacionais, perpassando sua identificação bibliográfica, é fundante para a indexação documentária atualmente aplicada em acervos e coleções.

A análise de assunto, tomada como primeira etapa do processo de indexação, é o momento em que o indexador faz uma leitura documentária considerando campos-chave (título, subtítulo, sumário, resumo, introdução, prefácio, apresentação, título de capítulos e bibliografia) para identificar quais são os assuntos majoritariamente abordados pelo documento analisado (DIAS e NAVES, 2007).

Para realizar a leitura documentária o profissional indexador deve fazer uma análise do que trata o documento e assim buscar extrair os conceitos centrais daquele item informacional. Porém tal prática não é tarefa simples, uma vez que, segundo Fujita (2003), as variáveis leitor (sujeito que interage com texto a partir de uma atuação profissional), texto (estrutura textual que identifica o conteúdo informacional) e contexto (psicológico, físico e sociocognitivo) são determinantes no resultado da leitura profissional.

Ainda segundo a autora citada, o contexto sociocognitivo envolve toda as regras situacionais do trabalho de indexação e do sistema de informação utilizado, assim a política de indexação, os manuais de indexação e a linguagem documentárias são ferramentas contextuais para a representação da informação do item informacional, seguindo o objetivo de classificação da instituição onde ocorre a prática profissional.

Por conseguinte, as ferramentas do contexto sociocognitivos (políticas, manuais de indexação e linguagem documentária) são usadas como direcionadores para gerar termos de recuperação da informação, a partir de uma previsão de comportamento dos interagentes dos sistemas de recuperação.

Políticas de indexação e a utilização de linguagens documentárias são utensílios para limitar a subjetividade e canalizar os produtos de uma leitura documentária, conseqüentemente de indexação, para que o resultado desse processo seja como preestabelecido pelas forças atuantes no contexto de trabalho do indexador.

Além do processo de leitura, identificação de conceitos, seleção e tradução do indexador, o profissional deve levar em consideração o público consumidor que irá recuperar os itens representados no sistema de classificação, assim a indexação “além de ter um foco no que é abordado no documento, também deve ser direcionada para a necessidade de informação do usuário, materializada por ele na forma de pergunta. É um processo com duas direções: de um lado o documento e, de outro, as necessidades de informação do usuário” (SOUSA e FUJITA, 2014:22).

Nesse sentido, a previsão do comportamento e da necessidade do usuário, futuro recuperador de informação, não é tarefa trivial. Em prol do princípio da especificidade,

bibliotecas, por exemplo, ampliam o acesso à informação utilizando diferentes abordagens, dividindo-se em bibliotecas especializadas ou ampliando as possibilidades de busca: por autor, assunto, tipo de documento, língua, entre outros (SOUSA e FUJITA, 2014).

A representação e descrição de um selo postal é um exemplo do que uma classificação situada pode causar. Se o item informacional da Fig. 1 for indexado para um público alvo de colecionadores de objetos filatélicos, poderia existir uma política e manual de indexação, definido por poucos especialistas da área, com propriedades ditadas para identificar e posteriormente recuperar o documento. Filigrana, perfuração, dimensões, processo de impressão e tipo do papel seriam propriedades que interessariam a um público colecionador (SALCEDO, 2010; 2011).

Fig. 1 – Selo comemorativo centenário dos abolicionistas precusores



Fonte: Colecionador particular.

Mas se esse mesmo item fosse indexado para um repositório virtual público com usuários de perfis diversos? A probabilidade de um estudante de ensino médio ou um professor de história, que nunca tivera contato com filatelia buscar pelos selos com dimensões 55 x 22 mm, por exemplo, seria bastante baixa. Então uma nova indexação seria necessária para esse público menos especializado. Identificar os elementos pictóricos do selo postal, como uma análise de assunto, seria uma prática para a representação nesse cenário. "Fim da escravidão", "abolição da escravidão no Brasil" e "Brasil escravocrata" seriam termos candidatos a indexação.

Uma descrição possível seria a afirmação do selo postal como a comemoração do centenário da abolição da escravidão. Posteriormente esse item seria identificado em um sistema de classificação (por exemplo: 2570 como indica a Classificação Decimal de Dewey - CDD), o classificando em uma categoria de selos postais comemorativos do Brasil.

Porém, a abordagem de Organização da Informação supracitada atende a uma classificação generalizante que considera apenas o que está expresso no item informacional, desconsiderando o que há para além dele, considera apenas o entendimento do indexador/classificador no seu contexto situado, ignorando o conhecimento socialmente construído e por vezes mantendo um pensamento elitista e colonizador.

No exemplo utilizado, o selo postal apresenta a imagem de um escravo se libertando das correntes, o que pode ser interpretado como o fim do cárcere e uma liberdade sem

limitações. No entanto, certa narrativa histórica brasileira evidencia que, mesmo após o fim oficial da escravidão, os escravos libertados sofreram severas limitações de liberdade, diversos tipos de preconceitos e subjugações, herança que o brasileiro ainda sente no século XXI. Além do mais, existe muito conhecimento sobre esse período “pós-escravidão” que não é de domínio acadêmico, mas sim popular, como pode ser percebido no documentário Memórias do Cativo.

Mais que isso, o mesmo documentário ensina que os escravos de uma determinada região do Brasil não se consideravam em cárcere, mas sim em cativo. Logo, seria um conceito a ser redefinido no contexto da indexação do item em informacional em questão, seria uma nova ligação semântica com conhecimento popular, como abordado no documentário citado.

De acordo com o que foi abordado até aqui, é possível perceber que o processo de representação e indexação é uma atividade intrinsecamente relacionada com a subjetividade do indexador, a leitura e a identificação de conceitos nos itens informacionais são etapas fundamentalmente individuais, conseqüentemente baseadas nas crenças e conhecimentos do profissional que as realiza.

As políticas e os manuais e as linguagens de indexação utilizadas para traduzir conceitos e termos recuperáveis também são ferramentas criadas por agentes subjetivos que participam de um determinado grupo contextual buscando atender propósito específico. Assim, a indexação é uma prática baseada em ferramentas desenvolvidas contextualmente e realizada por profissionais inseridos nesses contextos.

A tarefa de indexar pode se tornar ainda mais complexa se considerado que conceitos podem assumir novos significados em diferentes épocas ou situações. Logo, como representar, indexar e organizar itens informacionais que possuem conceitos dinâmicos? Essa pergunta parece não ser passível de resposta em uma perspectiva positivista da descrição bibliográfica.

Pois bem, a representação de itens informacionais a partir de uma perspectiva universalizante, definida por um contexto local, pode se apresentar com uma forma de segregar conhecimento. Classificar/indexar um documento, textual ou não, a partir de uma política, manual ou conhecimento subjetivo localizado não abarca as multiplicidades que o objeto informativo pode compor.

Assim, Mostafa *et al.* (2016), fundamentados nas perspectivas foucaultiana e deleuziana, abordam a possibilidade da análise documentária baseada apenas no conteúdo contido no texto e na intencionalidade do autor, mas também levando em consideração sua multiplicidade de funcionamento e suas relações com outros objetos do mundo.

Os autores supracitados propõem o entendimento de documento como rizomas que se conectam infinitamente a outros itens informacionais, sem uma raiz fixa. Assim, a classificação de objetos por meio de metadados imutáveis e prefixados se apresenta como uma eterna caduque conceitual, ou seja, assim que classificado, o conceito imediatamente precisa ser revisto, uma vez que seu entendimento já pode ser outro. Esse tipo de prática também pode ser percebido como a manutenção de um status quo de subjugação de conhecimento, por vezes ignorando os conhecimentos não científicos e socialmente produzido (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2006).

4. Desclassificando o mundo

Uma classificação hierárquica representa, em menor ou maior grau, um poder simbólico de dominação e super valoração de conceitos. Uma representação generalizante baseada em crenças e julgamentos situados são armadilhas que não dão espaço para outros tipos de pensamento, para o plural de conhecimento. A categorização hierárquica é a forma que os seres humanos têm de interpretar o mundo, de entender suas diferentes formas, entretanto as formas de conhecer e perceber são diferentes para cada pessoa e estrutura cultural (GUTIÉRREZ, 2006:104).

A folksonomia, que consiste na representação da informação utilizando *tags* criadas pelos próprios usuários do sistema de recuperação, é uma forma de Organização do Conhecimento a partir da descentralização de responsabilidade, uma vez que a representação da informação passa não apenas a ser de autoridade de poucos especialistas, mas sim de toda a comunidade científica e não científica. Além disso a folksonomia utilizada como ferramenta de organização possibilita a mudança constante da classificação da informação, já que está sendo sempre tagueada pelos usuários, proporcionando a proliferação de diferentes conhecimentos.

Nesse sentido, assumindo a preocupação da inclusão de diferentes tipos de conhecimento utilizando participação colaborativa, García Gutiérrez (2006;2011;2014) apresenta a Epistemografia Interativa como prática metodológica de representação do conhecimento, abordando a necessidade de significação de conceitos a partir do conhecimento social coletivo, em detrimento a descrições de especialistas científicos.

Tal ferramenta é apresentada como forma prática de inclusão das informações desconsideradas na representação e classificação dos itens informacionais, se distanciando da ideia de verdade una e imutável. García Gutiérrez (2006:109) propõe a Epistemografia Interativa como metodologia “destinada ao resgate e reabilitação de todas as formas de cognição e seus resultados e práticas mediante sistemas de auto-narração de indivíduos e comunidades. Estes introduziriam as próprias perspectivas e cosmovisões para explicitar e dar a conhecer um acervo já existente e indispensável, a rigor, para o arquivo digital mundial”.

Como prática da abordagem proposta, o autor supracitado argumenta o princípio da desclassificação como condição à promoção da constante reavaliação de conceitos e conhecimentos registrados, uma eterna ressignificação. Assim a desclassificação é apresentada como ferramenta central para a Epistemografia Interativa e deve ser entendida como “uma operação com categorias abertas, cuja tendência última é o pluralismo lógico, cultural, social ou cognitivo. Classificar, no sentido tradicional, divide e separa segundo princípios hierarquizantes e totalitários. Desclassificar, por outro lado, é introduzir uma nova ordem, classificando segundo diferentes lógicas, para agregar, reunir” (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2006:110).

As informações classificadas e indexadas a partir de autoridades estabelecidas cientificamente (pessoas imputadas a tarefa de organização da informação) é uma prática que desconsidera grande quantidade de informação possível para representar, recuperar e usar tal informação, já que outras opiniões e conhecimentos são negados em prol da intencionalidade do classificador (SALCEDO e BEZERRA, 2020:143).

Por conseguinte, a metodologia supracitada, a partir da prática da desclassificação, é uma proposta de participação da comunidade pesquisadora para a constante classificação de conceitos e itens informacionais, promovendo a captação de pensamentos diferentes dos que foram utilizados nas classificações iniciais.

Desse modo, amplia as possibilidades de encontrabilidade da informação, uma vez que pensamentos outros podem ser inseridos no contexto da recuperação da informação. Tal prática é baseada na participação do público usuário, o que garante uma maior familiaridade com o funcionamento do sistema informacional, uma vez que os organizadores da informação são os mesmos que a recuperam e abarcam as intencionalidades e entendimentos diferentes.

5. Relações semânticas e serendipidade: interconexão das coisas

Retomando a classificação do item informacional da Fig. 1, como seria possível fazer que o usuário do sistema de recuperação de informação fosse potencializado a descobrir outros conhecimentos a partir do selo postal recuperado? Como ligar o item a informações de livros contra a escravidão como *Os Escravos*, de Castro Alves? Mais que isso, como abrir espaço para os mais diferentes posicionamentos, como por exemplo ligar o selo postal em questão ao livro *Cartas a favor da escravidão*, de José de Alencar? Ou temas considerados mais periféricos como abordado no livro *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, que aborda a questão da homossexualidade na vida de um escravo?

Pensar em itens informacionais conectados semanticamente remete a idealização de Vannevar Bush quando propôs o Memex como um sistema computacional em que o usuário pudesse conectar itens para que a recuperação da informação fosse mais próxima de como o ser humano pensa e articula conhecimento, “por meio de associação de ideias” (BUSH, 1945:14). Articular um item informacional não apenas como um objeto passível de ser identificado e classificado para uma posterior recuperação de alta revocação e efetividade, mas como um rizoma que possui múltiplas e infinitas ramificações que ligam todo o mundo em algum grau.

A possibilidade de conexão conceitual entre os itens informacionais pode potencializar oportunidade do acaso, a descoberta de novos conhecimentos que não estariam inicialmente identificados na busca do usuário, ou seja, uma recuperação de informação interconectada proporciona a serendipidade e conseqüentemente amplia o resultado da pesquisa já que “qualquer processo de pesquisa envolve um tatear ao acaso que leva a descobertas surpreendentes que não eram esperadas” (MOSTAFA *et al.*, 2006:31).

Uma proposta possível para utilização da Epistemografia Interativa em ambientes digitais é possibilitar o usuário pesquisador escrever, em linguagem natural¹ e local específico, suas impressões e visões acerca do item recuperado. A descrição em linguagem natural possibilita maior liberdade para desenvolver o que o usuário realmente entende sobre o item informacional recuperado, possibilitando assim maior aproximação entre o

¹ https://en.wikipedia.org/wiki/Natural_language.

pesquisador e os objetos indexados. Além dessa aproximação, a possibilidade de expressar ideias e sentimentos é superada se comparada ao uso de *tags* como termos-chave para identificar o item.

A partir dessa descrição textual, uma ferramenta de indexação automática deve analisar e relacionar conceitos semanticamente, com outros existentes; tal relação pode ser estabelecida com o auxílio de ontologias gerais, abertas e adaptáveis. Com essa prática, as descrições realizadas por diferentes usuários formam um corpo de conhecimento diverso e ao mesmo tempo correlato, diferentes lógicas e conceitos estariam relacionados entre si para indexar o item informacional.

Algumas iniciativas que utilizam *web* semântica vão ganhando reconhecimento, financiamento e auxiliam na materialização do discurso científico que defende essas iniciativas como parte de um campo intitulado Humanidades Digitais. No contexto do trabalho em andamento esse campo das Humanidades Digitais é amplo conceitualmente: para alguns tem o sentido de uma disciplina em construção, para outros parece ser um conjunto de práticas que elenca a inserção das humanidades tanto no contexto da cultura digital quanto no debate científico do paradigma da pós-custódia [...]. Articula-se com a Ciência da Informação num universo amplo e complexo, tanto a partir dos debates teóricos, quanto sob uma perspectiva das práticas de organização, seleção, disseminação e curadoria digital. De fato, o debate epistemológico na Ciência da Informação não pode prescindir das práticas das Humanidades Digitais e os constantes desafios demandados pela contemporânea cultura digital e sua forte característica interdisciplinar. Nesse contexto, para o desenvolvimento do REFIBRA, foi adotado o padrão de metadados Dublin Core justificado pela sua aceitação internacional e capacidade de extensão (SALCEDO e BEZERRA, 2018:74).

A indexação a partir das descrições do item informacional, realizada por usuários diferentes e com conhecimentos diversos, permite desclassificar o objeto e ao mesmo tempo reclassificá-lo em um ambiente digital dinâmico e colaborativo, sem a necessidade do conhecimento pertencer a um domínio específico e de mediadores-administradores.

Dessa forma as intencionalidades dos pesquisadores serão parte da representação e indexação dos itens informacionais, o que potencializa o encontro e a descoberta de informação, o primeiro por haver mais descritores inteligíveis a sua experiência e o segundo justamente pelo oposto, por existirem descritores jamais imaginados, mas semanticamente relacionados com suas intenções de busca.

A Epistemografia Interativa causa desconforto e incerteza em profissionais da Organização do Conhecimento acostumados a trabalhar com vocabulários controlados e metadados pré-definidos. No entanto, pode ser trabalhada como uma abordagem complementar ao modelo tradicional, possibilitando a participação do usuário pesquisando na descrição do item, captando conhecimento não registrado e permitindo ligações semânticas entre os objetos, assim potencializando o encontro e a descoberta de informação bem como mitigando a ansiedade da informação.

6. Considerações finais

A organização e a recuperação da informação baseadas em visões de mundo pouco plurais e reduzidas à intencionalidade de alguns especialistas são uma forma que não permite a liberdade de compartilhamento e encontro de conhecimento para além do tradicional, conhecimentos socialmente construídos renegados a margem do pensamento colonizador. A Epistemografia Interativa é uma abordagem que pode ser utilizada na prática para uma nova forma de representar, organizar e recuperar informação, principalmente em ambientes digitais.

Nessa direção, pesquisadores da Ciência da Informação têm como possível escopo de investigação os resultados de experiências práticas do uso de Epistemografia Interativa em ambientes digitais. De acordo com Santarém Segundo (2016:3) esse tipo de pesquisa

Justifica-se o estudo relacionado aos conceitos de *Web Semântica* e de suas Tecnologias Semânticas por conta das possíveis contribuições que favoreçam a Encontrabilidade da Informação em ambientes informacionais digitais, principalmente de caráter colaborativo, como no caso das *Wikis*, proporcionando ao usuário melhores formas de representação e recuperação da informação, além de apropriação da mesma. Trata-se de conceitos ainda pouco explorados no contexto da Ciência da Informação (CI), sendo necessários estudos para aprofundar todo potencial em contribuir para a sociedade da era digital em que vivemos.

Como indicado por Santarém Segundo (2010; 2011; 2016), conceitos e ferramentas da *Web Semântica* podem auxiliar a prática anteriormente exposta, inclusive a utilização conjuntamente com atividades tradicionais, para que por meio de relações semânticas a recuperação e a navegação potencializem a serendipidade e a encontrabilidade da informação, mitigando a ansiedade da informação.

O uso de tecnologias da *Web Semântica* também permite extrapolar a pesquisa para ligações entre os diversos ambientes digitais disponíveis, utilizando práticas propostas por Tim Berners-Lee (2001) para um ambiente onde todas as informações pudessem ser conectadas entre si e legíveis por máquinas e humanos.

Uma abordagem possível é a utilização da *Web Semântica* e suas tecnologias para, como abordado por Souza e Alvarenga (2004), contribuir com a Ciência da Informação para uma otimização da recuperação da informação, o desenvolvimento prático de sistemas baseados em tecnologias da *Web Semântica* com princípios do *Linked Data*, conectado e interoperável com outras bases de dados abertas (*machine to machine*), de maneira que o conteúdo esteja acessível ao público potencial não reduzindo sua serendipidade na pesquisa e que, como pesquisa em andamento, está caracterizada pela constituição de um desafio interdisciplinar para as áreas envolvidas.

Referências bibliográficas

BERNERS-LEE, T.; LASSILA, O.; HENDLER, J.

2001 The Semantic web. *Scientific American*. [Em linha]. (maio 2001). [Consult. 25 out. 2021]. Disponível em: <https://bit.ly/3795n7b>.

BORKO, H.

1968 *Information Science: what is it?* [Em linha]. *American Documentation*. 19:1 (jan. 1968) 3-5. [Consult. 23 out. 2021]. Disponível em: <https://bit.ly/2HCckEb>.

BUCKLAND, M. K.

1991 Information as thing. *Journal of the American Society for Information Science*. [Em linha]. 45:5 351-360. [Consult. 23 out. 2021]. Disponível em: <https://bit.ly/3989TEw>.

BUSH, V.

1945 As we may think. *The Atlantic monthly*. [Em linha]. (1 jul. 1945) 1-19. [Consult. 4 out. 2021]. Disponível em: <https://bit.ly/2yjc9dM>.

DIAS, E. W.; NAVES, M. M. L.

2007 Análise de assunto: teoria e prática. In *Estudos avançados em Ciência da Informação*. 3ª ed. Brasília: Thesaurus, 2007.

FUJITA, M.

2003 A Identificação de conceitos no processo de análise de assunto para indexação. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*. [Em linha]. 1:1 (2003) 60-90. [Consult. 17 out. 2021]. Disponível em: <https://bit.ly/2SnPozh>.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A.

2014 La Organización del conocimiento en el nuevo orden transcultural: del totalitarismo a la desclasificación: obstáculos epistémicos, regencia de la transcultura y desclasificación. *BRAJIS: Brazilian journal of Information Science*. [Em linha]. 8:1/2 (dez. 2014). [Consult. 3 nov. 2019]. Disponível em: <http://www.brapi.inf.br/v/a/16222>.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A.

2011 *Epistemologia de la Documentation*. Barcelona: Stonberg, 2011.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A.

2006 Cientificamente favelados: uma visão crítica do conhecimento a partir da epistemografia. *Transinformação*. [Em linha]. 18:2 (2006) 103-112. [Consult. 3 out. 2021]. Disponível em: <https://bit.ly/35QKdub>.

MATTOS, H.

2005 *Memórias do Cativoiro*. Rio de Janeiro: LABHOI/UFF. 42:40 min.

MOSTAFA, S. P.; SANTARÉM SEGUNDO, J. E.; SABBAG, D. M. A.

2016 Descrição bibliográfica na era da Web Semântica. *Informação & Sociedade*. [Em linha]. 26 (2016) 25-35. [Consult. 3 out. 2021]. Disponível em: <https://bit.ly/34MWiz1>.

RAYWARD, W. B.

1997 The Origins of Information Science and the International Institute of Bibliography. *Journal of the American Society for Information Science*. [Em linha]. 48:4 (1997) 289-300. [Consult. 5 out. 2021]. Disponível em: <https://bit.ly/2tIWmDb>.

SALCEDO, D. A.

2011 *Pernambuco nos selos postais*. Recife: NECTAR, 2011.

SALCEDO, D. A.

2010 *A Ciência nos selos postais comemorativos brasileiros: 1900-2000*. Recife: EDUFPE, 2010.

SALCEDO, D. A.; BEZERRA, V. C. A.

2020 Encontro e descoberta da informação em ambientes digitais. *Páginas a&b: arquivos e bibliotecas*. [Em linha]. 3ª série, 13 (2020) 142-155. [Consult. 16 jun. 2022]. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/paginasaeb/article/view/6810>.

SALCEDO, D. A.; BEZERRA, V. C. A.

2018 A Gênese do Repositório Filatélico Brasileiro - REFIBRA. *Informação e Sociedade*. 28:3 (set./dez. 2018) 69-80.

SANTAREM SEGUNDO, J. E.

2010 *Representação iterativa: um modelo para repositórios digitais*. 2010. Tese de Doutorado em Ciência da Informação - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

SANTAREM SEGUNDO, J. E.; VIDOTTI, S. A. B. G.

2011 Representação iterativa e folksonomia assistida para repositórios digitais. *Liinc em Revista*. [Em linha]. 7 (2011) 283-300. [Consult. 3 out. 2021]. Disponível em: <https://bit.ly/2PQAluQ>.

SARACEVIC, T.

1996 Origem, evolução, relações. *Perspectivas em Ciência da Informação*. [Em linha]. 1:1 (jan./jun. 1996) 41-62. [Consult. 27 out. 2021]. Disponível em: <https://bit.ly/36UU1n4>.

SARACEVIC, T.

1995 A Natureza interdisciplinar da Ciência da Informação. *Ciência da Informação*. [Em linha]. 24:1 (1995) 1-9. [Consult. 26 out. 2021]. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/v/a/5946>.

SOUSA, B.; FUJITA, M.

2004 Análise de assunto no processo de indexação: um percurso entre teoria e norma. *Informação & Sociedade*. [Em linha]. 24 (jan. 2004) 19-34. [Consult. 7 out. 2021]. Disponível em: <https://bit.ly/2PTCW7r>.

VECHIATO, F. L.; VIDOTTI, S. A. B. G.

2014 Encontrabilidade da informação: atributos e recomendações para ambientes informacionais digitais. *Informação & Tecnologia*. [Em linha]. 1:1 (dez. 2014) 42-58. [Consult. 23 out. 2021]. Disponível em: <https://bit.ly/2ZfBGyv>.

WURMAN, R. S.

2005 *Ansiedade da informação 2*. São Paulo: Cultura, 2005.

Vinícius Cabral Accioly Bezerra | vviniuscabral@gmail.com

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Diego Andres Salcedo | salcedo.da@gmail.com

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil